



## Lamentações sobre meu velho robe

ou

### Aviso aos que não têm mais gosto do que fortuna <sup>(1)</sup>

Denis Diderot

Tradução de J. GUINSBURG

Por que não o guardei? Ele era feito para mim; eu era feito para ele. Moldava todas as dobras de meu corpo sem incomodá-lo; eu era pitoresco e belo. O outro, inflexível, engomado, me deixa como manequim. Não havia necessidade alguma à qual sua complacência não se prestasse; pois a indigência é quase sempre serviçal. Um livro estava coberto de poeira, uma de suas abas oferecia-se para limpá-lo. A tinta espessa recusava-se a correr de minha pena, ele apresentava o flanco. Viam-se, aí, traçados em longas raias pretas os freqüentes serviços que me rendera. Essas longas raias anunciavam o literato, o escritor, o homem que trabalha. Agora, tenho o ar de um rico madraço; não se sabe o que sou.

A seu abrigo, eu não temia nem a inépcia de um criado, nem a minha, nem o espoucar do fogo, nem a queda da água. Eu era senhor absoluto de meu velho robe; tornei-me escravo do novo.

O dragão que vigiava o tosão de ouro não se sentiu mais inquieto do que eu. A preocupação me envolve.

O velho apaixonado que se entregou, de pés e punhos amarrados, aos caprichos, à mercê de uma jovem maluca, diz desde a manhã até a noite: Onde está minha boa, minha velha governanta? Que demônio me obsedava no dia em que a expulsei e a troquei por esta! Depois ele chora, suspira.

Eu não choro, não suspiro; mas a cada instante digo: Maldito seja aquele que inventou a arte de dar valor ao tecido comum tingindo-o de escarlate! Maldita seja a preciosa vestimenta que reverencio! Onde está meu antigo, meu humilde, meu cômodo farrapo de pano?

Meus amigos, guardai vossos velhos amigos. Meus amigos, temei o golpe da riqueza. Que meu exemplo vos instrua. A pobreza tem suas franquias; a opulência, o seu incômodo.

Ó, Diógenes!, se tu visses teu discípulo sob o faustoso manto de Aristipo, como ririam! Ó, Aristipo, este manto faustoso foi pago com muitas baixezas! Que comparação entre tua vida mole, rasteira, afeminada, e a vida livre e firme do clínico esfarrapado! Deixei o tonel onde eu reinava, a fim de servir sob um tirano.

Isso não é tudo, meu amigo. Escutai os estragos do luxo, as decorrências de um luxo conseqüente.

Meu velho robe era uno com as demais bugigangas que me rodeavam. Uma cadeira de palha, uma mesa de madeira, uma tapeçaria de Bêrgamo, uma tábua de abeto que sustentava alguns livros, algumas estampas enfumadas, sem guarnição, pregadas pelos ângulos sobre a tapeçaria; entre as estampas, três ou quatro gessos suspensos formavam com meu velho robe a indigência mais harmoniosa.

Agora, tudo está descombinado. Não há mais conjunto, não há mais unidade, não há mais beleza.

Uma nova governante estéril que sucede outra em um presbitério, a mulher que entra para a casa de um viúvo, o ministro que substitui um ministro desvalido, o prelado molinista que se apo-

<sup>1</sup> A sra. Geoffrin, para retribuir um favor que Diderot lhe prestara, promoveu esta reforma no guarda-roupa e no mobiliário do filósofo.

dera da diocese de um prelado jansenista, não causam mais perturbação do que o escarlate intruso causou em minha casa.

Posso suportar sem fastio a vista de uma campônia. O pedaço de tecido grosseiro que lhe cobre a cabeça; a cabeleira que lhe tomba esparsa sobre as faces; os trapos furados que a vestem pela metade; a ordinária saia de baixo que não vai além da metade de suas pernas; os pés nus e cobertos de lama não podem ferir-me: é a imagem de um estado que respeito; é o conjunto das desgraças de uma condição necessária e infeliz que lamento. Mas meu coração se revolta; e, apesar da atmosfera perfumada que a segue, eu afasto meus passos, desvio meus olhares da cortesã cujo toucado de pontos da Inglaterra e punhos rasgados, cujas meias de seda sujas e calçados gastos, me mostram a miséria de hoje associada à opulência da véspera.

Assim teria sido meu domicílio, se o imperioso escarlate não tivesse posto tudo em seu únssono.

Vi a Bérghamo ceder a parede, à qual estive durante tanto tempo presa, para a tintura de damasco.

Duas estampas, que tinham seu mérito, *A queda do maná no deserto* de Poussin e *Ester diante de Assuero* do mesmo; uma vergonhosamente expulsa por um velho de Rubens, é a triste Ester; *A queda do maná* dissipada por uma *Tempestade* de Vernet.

A cadeira de palha relegada à antecâmara pela poltrona de marroquim.

Homero, Virgílio, Horácio, Cícero, aliviar o fraco abeto curvado debaixo de sua massa, e encerrar-se em um armário marchetado, asilo mais digno deles do que de mim.

Um grande espelho apoderar-se do pano de minha chaminé.

Esses dois bonitos gessos que eu devia à amizade de Falconet, e que ele próprio reparara, mudados por uma Vênus acocorada. A argila moderna quebrada pelo bronze antigo.

A mesa de madeira disputava ainda o terreno, ao abrigo de uma multidão de brochuras e de papéis amontoados em desordem, e que pareciam dever subtraí-la por muito tempo à injúria que a ameaçava. Um dia ela sofreu o seu destino e, apesar de minha preguiça, as brochuras e os papéis foram alinhar-se nas garras de uma secretária preciosa.

Instinto funesto das conveniências! Tato delicado e ruinoso, gosto sublime que muda, que desloca, que edifica, que derruba; que esvazia os cofres dos pais; que deixa as filhas sem dote, os filhos sem educação; que faz tantas belas coisas e tão grandes males, tu que substituíste em minha casa a fatal e preciosa secretária à mesa de madeira; és tu que perdes as nações; és tu que, talvez, um dia, conduzirás minhas coisas à ponte de Saint-Michel, onde se ouvirá a voz enrouquecida de um leiloeiro juramentado dizer: Por 20 lufses, uma Vênus acocorada.

O intervalo que restou entre a prateleira dessa secretária e a *Tempestade* de Vernet, que está em cima, formava um vazio desagradável ao olhar. Esse vazio foi preenchido por um relógio; e que relógio ainda!, um relógio à Geoffrin, um relógio onde o ouro contrasta com o bronze.

Havia um ângulo vacante ao lado de minha janela. Este ângulo pedia uma secretária, que conseguiu.

Outro vazio desagradável, entre a prateleira da secretária e a bela cabeça de Rubens, foi preenchido com dois La Grenée.

Aqui está uma *Madalena* do mesmo artista; ali, um esboço ou de Vien ou de Machy; pois eu me entregava também aos esboços. E foi assim que o reduto edificante do filósofo se transformou no gabinete escandaloso do publicano. Eu insulto também a miséria nacional.

De minha mediocridade anterior, restou apenas um tapete de ourelas. Este tapete mesquinho não se ajusta quase com meu luxo, eu o sinto. Mas jurei e juro, pois os pés de Denis, o filósofo, jamais pisarão uma obra-prima da Savonnerie, que guardarei esse tapete, como o camponês transferido de sua choupana para o palácio do soberano guarda seus tamancos. Quando de manhã, coberto com o suntuoso escarlate, entro em meu gabinete, se baixo a vista, percebo meu antigo tapete de ourelas; ele me lembra meu antigo estado, e o orgulho se detém à entrada de meu coração.

Não, meu amigo, não: não estou de modo algum corrompido. Minha porta se abre sempre à necessidade que me procura; ela me encontra com a mesma afabilidade. Eu a ouço, aconselho-a, auxilio-a, lastimo-a. Minha alma não se endureceu; minha cabeça não se levantou. Meu dorso é bom e sincero, como antigamente. É o mesmo tom de franqueza; é a mesma sensibilidade. Meu luxo é de fresca data e o veneno não agiu ainda. Mas com o tempo, quem sabe o que pode acontecer? O que esperar de quem esqueceu a mulher e a filha, que se endividou, que deixou de ser esposo e pai, e que, em vez de depositar no fundo de um cofre fiel uma soma útil...

Ah, santo profeta! Levantai vossas mãos para o céu, rogai por um amigo em perigo, dizei a Deus: Se tu vês em teus decretos eternos que a riqueza corrompe o coração de Denis, não poupes as obras-primas que ele idolatra; destrói-as, e o reduz à sua antiga pobreza; e eu diria ao céu



Retrato de Diderot feito por Delannoy, a partir de uma pintura de Garand (1760)

de meu lado: Ó, Deus! eu me resigno à prece do santo profeta e à tua vontade! Eu te entrego tudo; retoma tudo; sim, tudo, exceto o Vernet. Ah!, deixa-me o Vernet! Não foi o artista, foste tu quem o fizeste. Respeita a obra da amizade e a mantém. Vê este farol, vê esta torre adjacente que se ergue à direita; vê esta velha árvore que os ventos dilaceraram. Como é bela essa massa! Acima dessa massa obscura, vê esses rochedos cobertos de verdor. Foi assim que tua mão poderosa os formou; foi assim que tua mão benfazeja os atapetou. Vê esse terraço desigual, que desce do pé dos rochedos para o mar. É a imagem das degradações que permitiste ao tempo exercer sobre as coisas mais sólidas do mundo. Teu sol tê-lo-ia iluminado de outro modo? Deus!, se aniquilas essa obra de arte, dir-se-á que és um Deus ciumento. Apieda-te dos infelizes espalhados sobre esta margem. Não te basta haver-lhes mostrado o fundo dos abismos? Acaso os salvaste apenas para perdê-los? Ouve a prece daquele que te agradece. Ajuda os esforços daquele que reúne os tristes restos de sua fortuna. Fecha o ouvido às imprecações desse homem furioso: ai de mim!, ele esperava retornos tão vantajosos; ele projetara o repouso e a aposentadoria; ele estava em sua última viagem. Cem vezes no caminho, calculara pelos dedos o montante de sua fortuna; ele dispusera como empregá-la: e eis todas as suas esperanças enganadas; apenas lhe resta com que cobrir os membros nus. Sê tocado pela ternura desses dois esposos. Vê o terror que inspiraste a esta mulher. Ela te rende graça pelo mal que não lhe fizeste. Entretanto, seu filho, jovem demais para saber a que perigo tu o expuseste a ele, a seu pai e à sua mãe, ocupa-se do fiel companheiro de sua viagem; prende a coleira de seu cão. Concede graça ao inocente. Vê esta mãe que acabou de escapar das águas com seu esposo; não é por si que ela tremeu, é pelo filho. Vê como ela o aperta contra o seio; vê como ela o beija. Ó Deus!, reconhece as águas que tu criaste. Reconhece-as, e quando teu sopro as agita, e quando tua mão as aplaca. Reconhece as sombrias nuvens que reuniste, e que te aprouve dissipar. Elas já se separaram, se afastam, já o clarão do astro do dia renasce sobre a face das águas; eu pressagio a calma a esse horizonte avermelhado. Como é longínquo, esse horizonte!, ele não se confina de modo algum com o mar. O céu desce até embaixo e parece girar ao redor do globo. Termina de aclarar esse céu; termina de restituir ao mar sua tranqüilidade. Permite a esses marujos que ponham a flutuar seu navio encalhado; ajuda o trabalho deles; dá-lhes forças, e deixa-me o meu quadro. Deixa-mo, como a vara com que castigarás o homem vão. Já não é a mim que visitam, que vêm ouvir: é a Vernet que vêm admirar em minha casa. O pintor humilhou o filósofo.

Ó, meu amigo, o belo Vernet que possui! O tema é o fim de uma tempestade sem catástrofe deplorável. As vagas estão ainda agitadas; o céu, coberto de nuvens; os marinheiros azafamam-se no navio encalhado; os habitantes acodem das montanhas vizinhas. Como tem espírito esse artista! Precisou apenas de um pequeno número de figuras principais para expressar todas as circunstâncias do instante que escolheu. Como é verdadeira toda essa cena!, como tudo está pintado com ligeireza, facilidade e vigor. Quero conservar essa testemunha de sua amizade. Quero que meu genro o transmita a seus filhos, seus filhos aos deles, e estes aos filhos que hão de gerar.

Se vísseis o belo conjunto dessa obra; como tudo af é harmonioso; como os efeitos se encadeiam; como tudo se faz valer sem esforço e sem afetação; como essas montanhas da direita são vaporosas; como esses rochedos e os edifícios sobrepostos são belos; como essa árvore é pitoresca; como esse terraço é iluminado; como a luz af se degrada; como essas figuras estão dispostas, verídicas, atuantes, naturais, vivas; como elas interessam; a força com que são pintadas; a pureza com que são desenhadas; como se salientam do fundo; a enorme extensão desse espaço; a verdade dessas águas; essas nuvens, esse céu, esse horizonte! Aqui o fundo está desprovido de luz e a frente iluminada, ao contrário da técnica comum. Vinde ver meu Vernet; mas não mo tireis.

Com o tempo, as dívidas se saldarão; o remorso se apaziguará; e eu terei um deleite puro. Não temais que o furor de acumular belas coisas me domine. Os amigos que eu tinha, eu os tenho; e seu número não aumentou. Possuo Lafs, mas Lafs não me possui. Feliz entre seus braços, estou pronto a cedê-la a quem eu amasse e a quem ela tornasse mais feliz do que eu. E para vos contar meu segredo no ouvido, essa Lafs, que se vende tão cara aos outros, não me custou nada<sup>(2)</sup>.

2 Brière, no entanto, pretende que Diderot pagou a Vernet 25 lufses pelo quadro.